

Resenha:

OS EXPURGOS DA UFRGS: MEMÓRIA E HISTÓRIA

Patrícia C. R. Reuillard

Cleci Regina Bevilacqua¹

Na história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, houve momentos em que seus professores, técnicos e estudantes buscaram defendê-la daqueles que haviam tomado o poder e subvertido a ordem democrática do país. Porém esses lutadores foram penalizados com sua expulsão sumária da universidade, em processos indignos, e perderam todos seus direitos. Em 1964, foram expurgados 18 docentes e, em 1969, mais 23, somando-se ainda a perseguição aos estudantes, ao movimento estudantil e aos técnicos.

Essa subversão da ordem democrática aconteceu em várias universidades federais, no âmbito do Ato Institucional nº 1 (AI-1), de 9 de abril de 1964. Na UFRGS, ele encontrou respaldo em alguns setores conservadores, sobretudo na gestão do reitor José Carlos Fonseca Milano, responsável pela nomeação, em maio de 1964, dos professores que formaram a Comissão Especial de Investigação Sumária (CEIS), coordenada pelo general Jorge Cesar Garrastazu Teixeira, indicado pelo 3º Exército. Praticamente todas as unidades tinham representação nessa comissão, cuja intervenção atingiu diferentes áreas de conhecimento; além disso, a CEIS perseguiu docentes com grande respeitabilidade científica. Em 1969, no mandato do reitor Eduardo Zácara Faraco, a situação tornou-se ainda mais grave com a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), quando o então ministro da Educação e Cultura Tarso Dutra determinou a criação da Comissão de Investigação Sumária do MEC (CISMEC). O MEC passou, então, a exercer controle direto sobre os processos sumários na universidade, marcando de forma cada vez mais autoritária os expurgos dos docentes, considerados como opositores ao regime pelo governo.

Já se passaram mais de cinquenta anos desse triste período da nossa história, mas a universidade ainda não havia feito uma reparação oficial nem prestado sua homenagem a esses injustiçados até que um grupo de professores, oriundo dos processos políticos internos

¹ Professoras do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: cleci.bevilacqua@ufrgs.br e patricia.ramos@ufrgs.br.

de discussão da atuação da UFRGS nestes tempos sombrios, decidiu resgatar essa história e prestar um tributo àqueles que defenderam a universidade, pagando um alto preço por isso. Trata-se do *Coletivo Memória e Luta*, composto por 19 professores de diferentes unidades e áreas do conhecimento. Escolheram prestar essa homenagem a partir de um conjunto de atividades que resgatassem essa história para as novas gerações que a desconhecem. Como lembra Enrique Serra Padrós, historiador do tema das ditaduras no Cone Sul do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, esse apagamento ou cancelamento ocorreu, em parte, pela ação dos “esquecidos e esquecedores” (p. 89). Conforme o autor, em seu texto na obra que aqui resenhamos,

Do grupo dos *esquecidos* fazem parte indivíduos que possuem informações sobre a ditadura, mas que, por conveniência própria, convicção política ou alienação, as apagaram; alguns se justificam com o discurso da necessidade de olhar para o futuro e enterrar o passado. [...] os esquecedores, os que, durante anos, foram responsáveis por políticas de esquecimento induzido, que contribuíram eficientemente para a produção de narrativas caracterizadas por um relativismo exagerado ou diretamente revisionistas e negacionistas. (PADRÓS, 2021, p. 88-89)

O *Coletivo* criou então um projeto de extensão, coordenado pela Profa. Cláudia Zanatta, do Instituto de Artes, para que essa homenagem não fosse apenas um resgate da memória da UFRGS por um grupo de professores, mas igualmente uma ação docente ampla que envolvesse o conjunto da comunidade universitária. Dessa ação resultou um memorial instalado no *campus* central da universidade, inaugurado em novembro de 2019, ano do cinquentenário dos expurgos de 1969, uma exposição de aquarelas produzidas pelo Prof. José Carlos Freitas Lemos, da Faculdade de Arquitetura, rodas de conversas com professores expurgados nos anos 1960 e representantes estudantis de hoje, a apresentação de um documentário com depoimentos de professores expurgados, até então desconhecido do grande público e da comunidade acadêmica, e, por fim, este livro que ora apresentamos.

Trata-se de uma publicação que busca narrar não só a história dos expurgos na UFRGS, mas também o contexto sócio-político em que tais fatos ocorreram, além do processo coletivo de discussão que resultou na recuperação dessa memória. Buscando rememorar-la para aqueles que viveram essa história e, ao mesmo tempo, dá-la a conhecer às novas gerações, esta obra se estrutura a partir de três eixos principais: histórico, pictórico e artístico.

No eixo histórico, o livro apresenta dois artigos – *Memória e Esquecimento*, da socióloga Profa. Lorena Holzman, e *Entre Expurgos e Dignidade*, do Prof. Enrique Padrós – que retomam a história dos anos sessenta no Brasil e na UFRGS. Em seu artigo, depois de traçar uma linha histórica dos acontecimentos desse período, que culminaram nas comissões de inquérito na universidade e nos expurgos de professores, estudantes e técnicos, Holzman se debruça sobre as noções de memória e esquecimento, pois “manter viva a memória daqueles eventos, repeti-la sem tréguas, é fundamental para a garantia dos direitos dos cidadãos e a defesa da instituição Universidade e do papel que ela desempenha” (p. 18-19). Padrós, por sua vez, retoma os principais marcos da história brasileira após o golpe de Estado de 1964, que conduziram aos expurgos na UFRGS, a partir das noções de “esquecidos e esquecedores”, referidas anteriormente. Com elas, o historiador aborda o modo como os professores passaram a ser considerados como “inimigos internos” (p. 89) e, com muita sensibilidade, discorre sobre as dificuldades e os sofrimentos pessoais de quem sofre um “inílio” (p. 97) em sua própria cidade e país. Conclui por um chamado às novas gerações para a resistência e a necessidade de que “[...] seu passado [dos professores expurgados] só precisa ser conhecido, lembrado, lembrado e reconhecido pelas novas gerações, porque é um passado digno, íntegro e motivo de inspiração” (p. 105).

Nesse eixo, o livro traz ainda fac-símiles de matérias do *Diário de Notícias*, jornal publicado em Porto Alegre que, em 1964, noticiou tanto os expurgos dos docentes e a intervenção dos militares na UFRGS quanto a perseguição aos órgãos estudantis. O livro publica ainda alguns documentos do acervo particular de Tarso Dutra, que possibilitam um maior conhecimento sobre a forma como esses processos eram montados e os professores, expurgados da universidade. São cópias de documentos originais, hoje disponíveis no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul para consulta e que explicitam como as autoridades militares e civis operaram a perseguição e o afastamento de docentes no período. Os documentos são acompanhados de depoimentos dos professores expurgados, extraídos de entrevistas concedidas à Comissão da Verdade e cedidas pela jornalista Noeli Lisboa. Neles, pode-se ver, e até sentir, a arbitrariedade e o sofrimento por que passaram nossos colegas, em processos autoritários, movidos pelo desejo de eliminar a divergência e alimentados por inveja e má-fé.

No eixo pictórico, a obra apresenta imagens do processo coletivo de concepção e de decisão que pautou o projeto e sua forma militante de resgatar do esquecimento a história dos expurgados, acompanhadas de fotos que revelam o trabalho dos artistas Irineu Garcia e Nilton Maia – que esculpiram, em um bloco de granito, um memorial em homenagem aos professores expurgados – e do Prof. João Coelho, que humanizou a instalação com flores vermelhas. Nas imagens das rodas de conversas, ocorridas após a inauguração do Memorial, vemos nossos colegas expurgados, como Claudio Francisco Accurso, Maria da Glória Bordini, Maria Luisa de Carvalho Armando e Luiz Carlos Pinheiro Machado (*in memoriam*), e estudantes e professores de hoje, que compareceram aos eventos para conhecer e prestar sua homenagem àqueles que nos legaram a chama da resistência. O livro conta ainda com fotografias do acervo de Assis Hoffmann, cedidas por seu filho Leonardo Zigon Hoffmann, e de outros acervos, como do Museu da UFRGS, que retratam vários episódios do período. Em todas as atividades realizadas, principalmente na inauguração do memorial, um público numeroso se fez presente, uma oportunidade para a promoção do debate sobre um tema esquecido e para a construção de relações com o contexto político em que vivemos.

Por fim, o eixo artístico apresenta 18 aquarelas do artista José Carlos Freitas Lemos, que se encadeiam, contando em emocionantes imagens a história do nosso país desde a Campanha da Legalidade, passando pelo traumático período da ditadura no país e na UFRGS – Atos Institucionais, Comissão de Investigação Sumária –, mas também lembrando momentos importantes da resistência, como a homenagem ao Prof. Accurso pelos alunos da Faculdade de Economia e a Passeata dos Bixos, até chegar aos dias de hoje, com uma mensagem de esperança inspirada na adoção do sistema de cotas pelas universidades federais em 2012. As aquarelas contam com legendas que explicam os fatos e seus personagens e trazem indicações bibliográficas e filmicas, oferecendo informações complementares para aqueles que desejarem aprofundar seus conhecimentos sobre o tema. A inclusão dessas informações objetiva oferecer subsídios que fomentem o debate com os alunos da graduação da UFRGS, que pouco conhecem o tema, e com os estudantes do ensino básico, além do público em geral.

O livro apresenta ainda, ao final, um texto explicativo sobre os processos de expurgos dos professores e uma lista com os nomes de todos os expurgados em 1964 e 1969. Conclui-se pela apresentação dos colegas que fazem parte do *Coletivo Memória e Luta* e

pelos agradecimentos a todos que participaram dessa iniciativa e contribuíram, institucional ou individualmente, para sua consecução.

Destacamos a contribuição do livro para que se possa conhecer melhor o impacto da ditadura em nossa universidade e, conseqüentemente, na sociedade brasileira. Trazer a lembrança dos professores expurgados é recordar que não somente foram afastados professores altamente capacitados, atuantes e inovadores em suas áreas, mas também que foi ceifada a vivacidade na universidade, promovida pelo movimento estudantil. Este conhecimento abre espaço para a reflexão sobre o papel da universidade nos dias de hoje, momento em que novamente estão em risco a democracia e o estado democrático de direito. Neste contexto, torna-se ainda mais importante lembrar e relembrar para não esquecer e para que tais fatos não se repitam.

Referências

COLETIVO MEMÓRIA E HISTÓRIA. *Os Expurgos da UFRGS: memória e história*. Porto Alegre: Marcavisual, 2021. 112 p.

Recebido em: 13/07/2021; Aceito em: 24/08/2021.